

TÁBUA

Painel

Vertentes

A lanterna

O geômetra I II III IV

Flor & tempo

Stendhalianos I II

Maria Grubbe

Rua: rostos

O parque

Palmeira

Hydrangea

Virgiliana

As tartarugas

Diagrama

Ao Soneto

Lídice

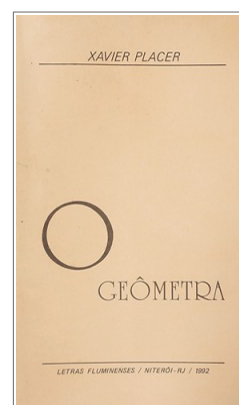
Ônix & ouro

Reverso

A obra

Umas imagens

Que nome dar



LETRAS FLUMINENSES - 1992

Orelhas do livro

O Geômetra foi escrito entre jun.88/dez.91
(tempo de Augusto, Andrea & Bernardo)
terminando a impressão em abril de 1992.
Composição: Mem Falcão Neto
Cuidados gráficos Luiz Moreira Falcão
Aderbal Carvalhaes Falcão
Arte final: Luiz Gonzaga
GRÁFICA FALCÃO LTDA
Rua Saldanha Marinho, 219 - CEP 24.030
Niterói - RJ.

PAINEL

Era o carvão tornando-se em cristal
Era o vento esculpindo formas novas
Era o fogo a incendiar os altiplanos
Era o mar arrancando para os astros

Era no espaço nítido o arco-íris
De onde caía a chuva sobre a terra
E a luz a luz a luz a alva luz
 Ufania das coisas existindo

Era Eva-mãe parindo filhos belos
Suas filhas amando os jovens deuses
A linguagem e os ritmos nascendo

Era - no ponto de ouro - do cenário
Os povos aurorais criando os mitos
Os grandes mitos recriando o homem

VERTENTES

É nos nossos impulsos para o voo
É no arremesso forte para os vértices
Esse ativo pensar contra os limites
Que se ilumina em nós o numinoso

Subterrâneo verbo, bem sentimos
As moradas do ser, quando o espírito
Um-só com a natureza vive o mágico
O pulsional poder fascinador

Onde, na inesgotável curva o pássaro
É risco de asa-chama, um reino a pedra
E no horizonte a árvore epifania

Universo – em que os seres estão vindo
Aberto – em que transitam os divinos
Inaugural se funda e flui a poesia

A LANTERNA

Há chuva e nevoeiro. Homem colhido
No tempo, torna às cegas por atalho
Qualquer. A água enreda, a água pesa
Obliquamente a vergastar seu rosto

Há nevoeiro e chuva. Do oceano
(Que não se vê) escuta-se o guaiar
Tormenta em grossas rajadas o endurece
Bolha de espuma e escória na derrota

Há chuva e nevoeiro. Lá no extremo
Ermo - um halo de lanterna! Alenta-o
Aquele rumo... Apaga-se a lanterna

Há nevoeiro e chuva. Homem sozinho
Torna sobre seus passos sem destino
Há chuva. Há nevoeiro. Há descaminho

O GEÔMETRA

a Flavio & Celio (Moreira Placer)

I

Grande é a noite! Cabem nela
Nebulosas cabe o mar
Ecos coito e aquela
Desrazão, a de sonhar
A mim, que o caos habitava
Mais me apraz a claridade:
Caçador, ao ombro a alijava
Avançar com agilidade
Colho de pronto evidências
Plurais. Porém as essências
Distingo-as em seu lugar
Colho palavras ao ouvido
Separo cada sentido
Oh volúpia de pensar!

II

Adentro. Me desvelo
Na difícil aventura:
Alarga-se o contorno
Num deserto... Porém
O que nem livros ou lábios,
Revela-o já o sábio
Lento polir das lentes
E as vias pensativas
Me entregam de partilha
Insólitas jazidas
O sigilo de um outro
Renascer na distância –
Que é ledó conhecer
Além da ilha, e medos

III

Sem nome, aqui me encontro
Este é o país de origem
Me disperso, reencontro
Fecho os olhos pra ver
Habito a treva-luz
Esta é a casa do ser
Onde herdeiro amanheço
Arável mar do sul,
Onde isento de margens
– Anil! Anil! ó vagas –
Pervago, nuvem-pássaro
No ressoar dos búzios
Em surda voz madura
Quem sou, de longe, me ouço

IV

A terra amanheceu molhada
Então choveu durante a noite
É certo? O senso erra... Foi
O nevoeiro da madrugada
Pelos altos, fina neblina
Invade o ar como na Serra
E sim ou não, bem pode ainda
Outra verdade isto negar -
À promessa de um sol feliz
O meio-dia abrir em luz
No oval perfeito dos limões
Brilhar em verdes de verniz

.....

Mas não. É a estação. Sazone
O fruto e a vida breve sonhe

FLOR & TEMPO

Vermelho sobre branco, eu via a rosa
Nos arrancos da onda ao ir-e-vir
À curva da enseada, quando a ronda
Da pálida espuma se estendia

No severo retângulo de um mármore
(E não foi por acaso) vi ainda
Vermelho sobre branco, era a flor vinda
Espetalando pétala e outra pétala

No óleo-sobre-tela de um artista
Ela, num entintado impressionista
Airosa se pintava em cor, volume

Real a tenho agora e seu perfume
– Tenho-te em mim ó rosa de verdade!
Una em tua pequena eternidade

STENDHALIANOS

*Aqui se diz um pouco da relação Stendhal-Métilde que este outro par -
leitor(a) do De l'Amour - reviveu em sua hora*

I

Tão de repente e forte o encantamento
Foi um amor difícil aquele amor!
Em cristalizações, em alegria
De presença, de encontros, desencontros
Enquanto ela na areia desenhava
Um nome que a mareta desfazia
(como todo romance de paixão)
No longe, ele em vigílias duvidava

Outras vias e rumos, novos dias
Mudaram amor-tormenta em doce aroma
No existir dos amantes

E este paço
Reconstruído em viagens sem partir
É agora oculto húmus, - floração

II

Bate a chuva nos vidros... Esta chuva
Também batia em tardes submersas
Ó molhados lábios, ardentes frases
Cartas, esperas, horas de Moara
Que sem ruído tornam em desfilada!
De passo que se irrigam as raízes
Vejo-a (já outra) em seu cotidiano
E funda fundamente a mesma em mim

É a distância? a saudade? Esta água lava
Sombras em deslembanças, tal a outra
Armava em luz preclara o raro abraço:
Um clima transverbera a geografia
Daquele tempo
– e nele navegamos

MARIA GRUBBE

Leio, Jacobsen, tua obra-prima
Convivo com Maria, assim lhe digo –

Porque teu coração não mente nunca
Porque sabes apenas ser autêntica
Não se miram teus olhos nos espelhos
Teu existir fiel é um destino
Singular, e tua alma pura um hino
À vida e à paixão, Maria Grubbe

Tu-mesma, a cada instância, não murmuras
Esposa do delfim, pobre barqueira
Vais provando o que há de belo e lúgubre
E, sábia, ao professor e a nós respondes
Naturalmente: *Todo homem vive*
A própria vida, e morre a própria morte

RUA: ROSTOS

Vou na tarde sentindo a multidão
Entranhem-se estes versos de ruídos
Logomarcas odores gestos óxidos:
A rua é um resumo do universo

Fecham os bancos. Garrafais manchetes
Deixar! Há frustas ambições nas almas
Angústias desacordos nervos, há
Desamores e infaustos desenganos

É o redil a cidade a megalópole
Dos homens. – O longínquo azul descora
Quem move o imenso carrossel, pra que?

(Venha a noite. Que a treva apague tudo
Só não apague a trágica beleza
Desses rostos de Homem contra a Dor)

O PARQUE

a Margarida, entre verdes

Este parque de província com coreto
Mais os retos eucaliptos centenários
É o orgulho dos munícipes. Perdulários
Zelos empenham-se mantê-lo obsoleto

As quatro estações e sobretudo o Inverno
Já gretaram, de porosos, os friáveis mármore
Cala no lago de tilápias entre árvores
O bruaá do bilhar no Bar Moderno

Idílios e beijos em silentes plumas
Mortas, esquecem no agora por inteiro
Nada acontece! Os minutos são espumas

Vegeta na sombra o cogumelo. Algumas
Amarelas fo lhas c a e m ... Forasteiros
Nós, que fazemos neste balcão de brumas?

PALMEIRA

a Celi, da grei dos Terra

Tal o reino mineral
No subsolo obscuro
Que ensaiou dias e noites
O brilho do seu metal

Com geométrico rigor
Trabalhou o outro reino
Esmerando na luz verde
Germinal, este fulgor -

A calma de uma coluna
A graça nupcial
A plenitude da alma
A doçura da vogal

Ó filha bela, altaneira
Em teu perfil imperial!

HYDRANGEA

a Valma, que tem seu ritmo

Vigor de montanha?
Aqui é forânea
Quer de preferência
Terra leve, luz
Indireta, e as tem

Florirá azul?
Violeta e branco?
A hidra entretanto
Desatenta à hora
Enrodilha ausência

Tempo de Natal
Entre folhas glabras
– Olha! ornamental –
Uma hortênsia: rósea

VIRGILIANA

a Aurora & Hugo Tavares

As mangas os cajás as tangerinas
Trazidas de viagem, na fruteira
Guardam nativas o ruço da Serra
Do Mar, o mel do orvalho, inda a friagem

Derrama-se no entorno o grato aroma
O impacto do quadro atrai olhares
Principalmente aquele pequenino
Povo de insetos, avoantes das frutas

Também as *calathea burle marxii*
E o arranjo das bromélias chamam vespas
De asas ensolaradas, zumbidoras

E os sumarentos frutos brasileiros
Compõem, com as cores da florália
Esta agridoce égloga do trópico

DIAGRAMA

a Maria Helena & Luiz Sampson

Sopro buscando corpo, - espera a vez
Da poesia: voz de Ariel, aquela
Que no ar tateiam tuas mãos em concha

Se não atendes com lápis e papel
– Gentil que está se dando de amorosa –
Esgalga dália, esgalha-se no vento...

Antiga, sempre jovem sobre a terra
Vem da soturna gruta, vem dos férteis
Degraus do mar se abrindo, de pés nus:
Dança-os na boa lavra da palavra

Inclina-se, angras de permeio
Ao signo, à metáfora. Se a disseres
Na madeira da flauta doce, então
Existe igual à pedra à flor à própria

AO SONETO

a Maria & A.B.M. Cadaxa

Perdão Soneto se eu antigamente
Estranho ou surdo a tão alta linhagem
Te desdenhei. Agora sei. Desmente
Agora aquele gesto esta homenagem

Ao tocar as colunas desse templo
De rigorosa linha e descoberta
Embora tarde venha, venho a tempo
Com o dileto entusiasmo de poeta

Quero, fiel aos catorze, pouco à rima
E ao friso liso de ouro, à sóbria clave
Gostar o vinho novo da vindima

– Ó edifício belo, ascese pura
Para o lúdico voo, para o grave
Pensamento e a mais clara arquitetura

LÍDICE

a Maria de Lourdes Miranda

E um dia implodiram-se as muralhas
Os olhos, de repente, viram o mundo
Tal-qual o mundo é. E não mais como
O vemos na aparência, na rotina

Num setembro, e é ali Terra de Lídice
Novou-se, de verdade, o coração
Assim na confiança, e na estima
O descobre a criança, o vê o santo

Nesta margem e tempo não-ganhados
Em arena e areia conquistados,
A magnificar o gesto de homem
Para sempre se alteia outra reália -

Ó torre de abundância, de fulgores!
Onde a Hora e o Eterno dão-se as mãos

ÔNIX & OURO

Ó existir de homem!
Ó instante que tocado já é findo
Muitas vezes me doem tuas lâminas
Em cinza me anoitecem teus prestígios

(Vertigem e relâmpago
Agraciado não foi para durar
Porque se ele durasse não o aneláramos
Com o frêmito que o ousamos e queremos)

Ônix e ouro e címbalos me ferem?
Abdico devassá-lo e seu esplendor
Que ainda aí encontro virgem encanto

E a louca brevidade é até convite
Neste *uma* vez antes de silenciar
Para mais te abraçar com rouco amor

REVERSO

Meu imaturo ser temia a morte
Um tropel visionário que estancava
De improviso a alegria. De tal sorte
Que a asa do mor temor em mim pousava

Os dias se afirmaram e meu querer
A esperança apontava uma colheita
De verdes dons. Havia em cada ser
Promessa de amizade, havia a eleita

Liberto, a interrogo agora. Cega
Ofensa à altivez, esse evidente
Total despojamento?

...Seja!
Sorrio aos seus trejeitos de jogral
– Entra, pantera, me terás ausente

A OBRA

O que fica é bem pouco!
Quer o poeta viver na elevação
Dos dons como um dever, em graça de
Poesia: afã e pura exaltação

A servidão do amor
Cedo arrebatada o impossível asceta:
Aí vai dividido em seu fervor
Feliz no sonho, amargo no real

Adentro das pupilas a informe
(instigante cilício)
E passional insônia de renome

Proibindo seu bem, deve ainda o homem
Curvar-se a um ofício
Só, em tensão e náuseas se consome

UMAS IMAGENS

Que mão as escreveu? Só sei que o encanto
Ressuscita da quadra adolescente
São nuvens-névoa, em mim, cantantes quanto
Interrogam num tom de todo ausente:

*"Essas nuvens que passam como telas
Desenhando esculturas no poente
Essas formas que são, que dirão elas?"*

Tempo não conta diante do teorema
Escavo e escavo escavo essa nascente
Na sequência das vozes do poema

Do fundo da memória, poço estreito
Desta névoa, delida mais que um rastro
Resta: *"Quem sabe, longe do meu peito
Talvez meu coração já foi um astro..."*

ORELHAS

O Geômetra, por que? Mas, a par da presença do mito e suas vertentes - o homem, os seres, a cidade, amor e morte, o mar - não é esta uma bela palavra? Quanto à forma fixa...

Agora só havia um jeito: avançar o sinal, agilizar. E saliente-se que não se trata de sonetos, - oníricos, filosóficos, de efusão, assunto, etc.

Li, XP., três vezes seu livro. Se o fiz com curiosidade na primeira leitura e certa atenção didática na segunda, li-o com enlevo na terceira.

Gosto do modo preferencial de *Painel*. *As Tartarugas*, esse é de minha estima particular. Porque v. viu pelos olhos da poesia o pequeno mundo que só me é dado ver, *hélas!* pelas janelas do apartamento frente ao mar.

Agrada-me também *Ao Soneto*, que vem juntar-se a uma já clássica sucessão de sonetos ao soneto. Outros apreciarão outros. Além do quarteto *O Geômetra*, *Flor & Tempo*, *O Parque*, *Virgiliana*, *Ônix & Ouro*.

Quem diz soneto diz forma intemporal. Mas diz também forma geométrica: o infinito de retas, curvas, vetores, planos e sólidos - perdão! de signos, conceitos, palavras, imagens e conteúdos, no espaço limitado de catorze versos. Uma construção. Um edifício. Estamos entendidos.

JOSÉ LÍVIO DANTAS